

# AS CARTAS PESSOAIS DE PE. GALANTI: PS. AGUARDO SUA RESPOSTA

■ LIGIA BAHIA MENDONÇA

 <https://orcid.org/0000-0002-1471-1968>

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

## RESUMO

Investigar as cartas pessoais escritas por padre Raphael Maria Galanti que forneceram indícios acerca do itinerário percorrido pelo jesuíta e da rede de sociabilidade que também o legitimaram, não só como autor de livro didático como também intelectual é o objetivo deste artigo. Com recorte temporal que contempla um período de transição entre o Império e a República, com mudanças significativas em todos os setores da sociedade e especialmente na educação, inclusive na discussão sobre a educação laica. As epístolas escritas por Pe. Galanti foram destinadas ao também jesuíta José Giomini e ao Barão de Studart. As missivas preservadas atravessam o tempo, revelam intimidades e amizades, solidão e alegrias, compondo a escrita de si, o que veio a ser fundamental para percorrer a trajetória deste padre, cuja biografia ainda está por ser feita. Nelas, o jesuíta narrou o vivido, possibilitando reconstituir seu percurso, suas ideias e contradições. A partir de sua escrita ordinária, revela-se a sua história de sujeito, da qual inventou mesmo, um lugar para si, por meio das palavras (Cunha, 2002). Essas escritas são pistas para apreender vestígios acerca do período abarcado, dos hábitos, do cotidiano e das redes de sociabilidade de então, conferindo-lhes status de fontes para a história da educação.

**Palavras-chave:** Padre Rafael Maria Galanti; Escrita epistolar; Escrita de si; Jesuítas; História da Educação.

## ABSTRACT **THE PERSONAL LETTERS OF FATHER GALANTI: PS. I AWAIT YOUR REPLY**

Investigating the personal letters written by Father Raphael Maria Galanti that provided clues about the Jesuit's itinerary and the sociability network that also legitimized him, not only as an author of a textbook but also as an intellectual, is the purpose of this article. With a time frame that includes a period of transition between the Empire and the Republic, with significant changes in all sectors of society and especially in education, including the discussion on secular education. The epistles written by Fr. Galanti were destined for the also Jesuit José Giomini and the Baron of Studart. The preserved missives cross time, reveal intimacies and friendships, solitude and joys, composing the writing of himself, which became fundamental to traverse the trajectory of this priest, whose biography is yet to be done. In them, the Jesuit narrated what he had lived, making it possible to reconstruct his path, his ideas and contradictions. From his ordinary writing, his history as a subject is revealed, from which he even invented a place for himself, through words (CUNHA, 2002). These writings are clues to apprehend traces about the period encompassed, habits, daily life and the sociability networks of that time, giving them the status of sources for the history of education. Keywords: Father Rafael Maria Galanti; Epistolary writing; Writing of yourself; Jesuits; History of Education.

## RESUMEN **LAS CARTAS PERSONALES DEL P. GALANTI: PD. ESPERO SU RESPUESTA**

Indagar en las cartas personales escritas por el padre Raphael Maria Galanti que dieron pistas sobre el itinerario del jesuita y la red de sociabilidad que también lo legitimó, no solo como autor de un libro de texto sino también como intelectual, es el propósito de este artículo. Con un marco temporal que comprende un período de transición entre el Imperio y la República, con cambios significativos en todos los sectores de la sociedad y especialmente en la educación, incluyendo la discusión sobre la educación laica. Las epístolas escritas por el P. Galanti estaban destinados al también jesuita José Giomini y al barón de Studart. Las misivas conservadas atraviesan el tiempo, revelan intimidades y amistades, soledades y alegrías, com-

poniendo la escritura de sí mismo, que se volvió fundamental para recorrer la trayectoria de este sacerdote, cuya biografía está por hacer. En ellos, el jesuita narró lo vivido, lo que permitió reconstruir su camino, sus ideas y contradicciones. A partir de su escritura ordinaria, se revela su historia como sujeto, a partir de la cual incluso se inventó un lugar para sí mismo, a través de las palabras (CUNHA, 2002). Estos escritos son claves para aprehender huellas sobre el período abarcado, los hábitos, la vida cotidiana y las redes de sociabilidad de esa época, otorgándoles el estatus de fuentes para la historia de la educación.

**Palabras clave:** Padre Rafael María Galanti; Escritura epistolar; Escritura del yo; Jesuitas; Historia de la Educación.

Estou muito saudoso de V.R, porque aqui estou sozinho; não tenho com quem falar e muito menos com quem dizer alguma...

*Galanti, 1913*

Padre Raphael Maria Galanti, desde 1868, já do último colégio da Companhia de Jesus em que atuou – o Anchieta, na Nova Friburgo (RJ) de baixas temperaturas e “clima delicioso”<sup>1</sup>, no qual lecionou por mais de uma década, escrevia cartas, em tom nostálgico, ao Pe. José Gomini, também jesuíta, com quem convivera nos tempos de formação e no Colégio de São Luiz, em Itu (SP). Saudoso e sozinho, explicitava o fato de não ter com quem conversar, possivelmente por conta da doença que o acometera, em 1913, mesmo ano da missiva escrita ao amigo de longa data.

A escrita epistolar pode fazer das distâncias e ausências, presenças. Não só aproxima, mas informa sobre quem a escreve, bem

como sobre quem a recebe, possibilitando ao estudioso avaliar o relacionamento entre os missivistas, por expor transparências e vulnerabilidades, como é perceptível na carta do padre jesuíta em que permite supor o resultado, constrói-se a confiança, cresce a intimidade” (Bastos; Cunha; Mignot, 2002, p. 6).

Possuidoras de materialidade, as cartas podem se constituir a partir de vários suportes: papéis, tintas, envelopes, entre tantos outros. As que aqui analiso, foram escritas à caneta, com tinta preta, em folha de papel simples e pautada. Já amarelados, os papéis que guardam essa escritura trazem marcas da sua instituição de guarda: a numeração “83” à caneta, de cor azul, e as laterais perfuradas, pois que alocadas em um fichário. Esta e outras cartas, juntamente com poesias, votos, cartão de apresentação e escritos, compõem o arquivo pessoal do Pe. Galanti, mantidos sob a guarda da Cúria Provincial do Rio de Janeiro. Debru-

<sup>1</sup> Assim se referiu Machado de Assis à cidade de Nova Friburgo, em carta enviada a José Veríssimo com data de 16 fevereiro de 1901, ocasião que se retirou com sua esposa, Carolina, do Rio de Janeiro para tratamento de saúde na cidade de Nova Friburgo. Disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8244>. Acesso em 10/03/2019.

cei-me sobre esse material, concordando com Mignot (2000) quando afirma que tais arquivos pessoais são a “extensão do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição, triagem. Arquivar é guardar, e também esconder” (p.1 24). Assim sendo, permiti-me imaginar ter Pe. Galanti guardado seus documentos com provável intenção autobiográfica, “objetivando a posteridade, deixando registros que permitam a elaboração futura de uma biografia edificante” (Mignot, 2005, p. 56). Nessas epístolas, por certo escritas por amizade e saudosismo, ele se dá a conhecer, pelo menos, em uma face ofuscada pelas escrituras de seu ofício de professor, por meio de seus livros didáticos, principalmente, os de História do Brasil e pelas cartas de *Woodstock Letters*.

Pe. Galanti também escreveu cartas pessoais, íntimas, nas quais, a partir do confronto com códigos estabelecidos, constituiu, inventou mesmo, um lugar para si, por meio das palavras (Cunha, 2002). Na análise deste autor, “trocar cartas, corresponder-se, são formas de se expor, compartilhar experiências cotidianas e/ou profissionais e, muito especialmente ‘pôr ordem em suas ideias, clarificar e recordar pensamentos, sensações e sentimentos’” (Viñao Frago, 1999, p. 127-128 *apud* Cunha, 2002, p. 1). Essas escritas são pistas para apreender vestígios acerca do período abarcado, dos hábitos, do cotidiano e das redes de sociabilidade de então, conferindo-lhes *status* de fontes para a História da Educação.

As cartas escritas por Pe. Galanti, analisadas neste artigo, fazem parte de um estudo<sup>2</sup> mais amplo que teve por objetivo investigar as estratégias que os jesuítas lançaram mão para ampliar e dar visibilidade à missão jesuítica no Brasil no período de 1880 até 1910. Por

2 Trata-se da tese defendida em 2020, intitulada “Edificar e instruir: missões jesuíticas nas cartas de Padre Raphael Maria Galanti na Woodstock Letters (1880-1910)”.

meio das cartas escritas pelo Padre Raphael Maria Galanti e publicadas na revista *Woodstock Letters* a parte do estudo, foram destinadas ao também jesuíta José Giomini e ao Barão de Studart. Nelas, o jesuíta narrou o vivido, possibilitando reconstituir sua trajetória, suas ideias e contradições. A partir de sua escrita ordinária, revela-se a sua história de sujeito. As missivas preservadas atravessam o tempo, revelam intimidades e amizades, solidão e alegrias, compondo a escrita de si, o que veio a ser fundamental para percorrer o itinerário desse padre, cuja biografia ainda está por ser feita. Na Cúria Provincial<sup>3</sup>, no Rio de Janeiro, localizei quatro cartas encaminhadas pelo jesuíta ao Pe. Giomini. O destinatário também era italiano e havia ingressado na Companhia de Jesus em 20 de junho de 1856. Ordenou-se em janeiro de 1872, juntamente com padre Galanti, e finalizou sua formação em 29 de agosto de 1875. Conforme nos diz Lourenço (2017), inicialmente, Giomini foi destinado à Vila Nossa Senhora do Desterro (SC), posteriormente, por volta de 1865, foi enviado a Itu (SP), para que, juntamente com os padres Onorati e Taddei e o Irmão Coadjutor Afonso D’Amicis, aproveitasse a conjuntura favorável para a abertura de um colégio na cidade.

O Colégio São Luís (Itu, SP), somente foi autorizado a funcionar, em 1867 e nele o Pe. Giomini “foi prefeito de disciplinas e professor de Português e Latim” (LOCHER, 1914, p. 56-57 *apud* LOURENÇO, 2017, p. 41). Segundo o jornal *A Federação*<sup>4</sup>, Pe. Giomini mudou-se para o Colégio

3 A Companhia de Jesus no Brasil se dividia em: Província Brasil Meridional (BRM), que correspondia aos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; Província Brasil Centro-Leste (BRC) englobando os estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro; Província Brasil Nordeste, que engloba a região Nordeste (BNE); e, por fim, a Província Brasil Amazônia, incluindo a região Norte (BAM). Desde 2014, estas províncias foram unificadas tornando-se BRA.

4 O jornal *A Federação*, um jornal católico da cidade de Itu, foi fundado em 1905 pelo padre Elisário de Camargo Barros.

Anchieta, em 1910, onde veio a assumir a cadeira de Lógica, tendo sido ainda, com 36 anos de magistério, responsável pelo catecismo e pela confissão dominical dos alunos internos. Pe. Galanti e Pe. Giomini lecionaram e estreitaram laços em duas oportunidades, a primeira delas no Colégio Nossa Senhora do Desterro, em Florianópolis, enquanto a segunda, conforme o *Catálogo da Missão*<sup>5</sup>, se deu quando de seu reencontro em Itu, em 1912.

Na carta datada de 16 de abril de 1913, Padre Galanti se lastima, pesaroso, de suas condições de saúde:

Pode imaginar; não tenho nenhuma ocupação obrigatória; poderia passear muito, mas as pernas pouco permitem. Oh! Quanto me lembro o que fizemos nesta terra [...]<sup>6</sup> (Galanti, carta de 16 de abril de 1913).

Pe. Galanti dedicou toda a sua vida à Companhia de Jesus e, naquele momento, com estado de saúde precário, já não exercia uma função, provavelmente porque naquele mesmo ano sofreu uma congestão cerebral<sup>7</sup> que o afastou das salas de aulas, do confessionário e de tantos outros afazeres dedicados à Ordem. Na sua última correspondência, o jesuíta já “não avançava” e escrevia ao Pe. José Giomini pedindo-lhe, em nome da fé que o ligava ao destinatário de suas lamúrias: “queira rezar por mim, pois preciso muito sob todos os respeitos, estou meio doente, triste e contrariado e etc.” (Galanti, carta de 28 de outubro de 1913).

O padre demonstrava em cada carta remetida uma expectativa por respostas dos destinatários, provavelmente por sentir-se só. Os protocolos da escrita epistolar, relacionados ao espaço/tempo, indicativos de que as car-

tas demoravam para chegar e regressar e, por vezes, até para serem respondidas (Bastos; Cunha; Mignot, 2002), ou ainda, por nunca chegarem, talvez possam explicar os “pedidos” de respostas, expressos pelo padre às suas missivas. A solidão imposta pela aflição trazida pela doença e o seu afastamento em relação aos outros membros da Ordem, talvez expliquem a nostalgia, a tristeza e a expectativa de Padre Galanti a respeito de respostas que lhe ajudassem a passar e lembrar o tempo vivido. A sua cobrança, no entanto, era amigável: ao término de suas cartas, ele lembrava aos amigos que queria saber deles, que as histórias que lhe contariam tornariam mais alegres ou reflexivos os seus dias. Suponho que muitas cartas não puderam ser respondidas a tempo e a expectativa que expressou no seu P.S, se respondidas, nem mesmo puderam ser lidas.

Sobre sua morte, alguns noticiosos de então deram conta de dela fazer saber a seus leitores. Em breve nota, no dia 6 de agosto de 1917, a seção Vida Social ‘Fallecimentos’, do jornal *A Razão*<sup>8</sup>, noticiou: “Falleceu em Friburgo, o padre Raphael Galanti, antigo professor do Collegio Anchieta” (p. 6). Apesar de pequena, possivelmente pelo viés característico do periódico – o *Racionalismo Cristão* –, é a notícia sobre sua morte encontrada em data mais próxima do fato, ocorrido no dia 2 de agosto de 1917. O jornal *A União*<sup>9</sup> traria a mesma notícia uma semana após o seu falecimento, lamentando e apresentando os pêsames à Companhia de Jesus pelo ocorrido:

5 Os Catálogos trazem a relação das funções exercidas por cada membro da Companhia de Jesus, como se verá adiante, por meio do estudo de Arenz (2016).

6 Obedecida a grafia original. Segui esta opção em todo o estudo.

7 Qualquer acidente vascular cerebral. *Michaelis online*, Melhoramentos, 2018. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/> Acessado em 05/10/2018.

8 Criado no Rio de Janeiro por Luiz José de Mattos e Luiz Alves Thomaz – considerado uns dos fundadores do Racionalismo Cristão –, cuja primeira fase estendeu-se de 19 de dezembro de 1916 a 30 de julho de 1921; a segunda, a partir 8 de dezembro de 1948 até os dias atuais. <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/razao-rio-de-janeiro-1916/>

9 Fundado no Rio de Janeiro, em 1909, com propriedade e direção da Boa Imprensa, surge no bojo da consolidação da imprensa católica no Brasil, iniciada com a *Revista Católica*, de 1836, e com *O Apóstolo*, de 1866, respectivamente (LUSTOSA, 1991).

**Figura 1** - Notícia sobre o falecimento de Pe. Raphael M<sup>a</sup> Galanti

**Padre Raphael M. Galanti, S. J.**



ciado. Mandaram-no depois os superiores para Santa Catharina, onde começou a sua vida de professor. Voltou a Roma em 1869. Em 20 de setembro de 1870, passou-se para a Inglaterra, onde foi ordenado sacerdote (1-1-1872). Até 1874 esteve no Paiz de Galles e na Belgica. Em fins desse anno, voltou ao Brasil, percorrendo os Estados de S. Paulo, Rio, Pará e Amazonas. Missionou e catechisou indios no Rio Madeira. Voltou a Itú (E. de S. Paulo), onde regeu a cadeira de Historia. Passou depois a Friburgo. Foi notavel theologo e philosopho.

Escreveu: *Historia Universal, Historia do Brasil, Lições de Historia do Brasil, Historia da Republica, Biographias de Brasileiros illustres e Grammatica Inglesa*. Foi socio honorario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, da Academia Pernambucana de Letras e do Centro de Campinas, correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, dos da Bahia, Ceará e Santa Catharina, e do Instituto Archeologico Pernambucano.

Falleceu a 2 do corrente, no Collegio Anchieta, de Friburgo (E. do Rio), este notavel padre jesuita, que todo o Brasil conhecia como um dos nossos melhores historiadores. Nasceu, em 15 de novembro de 1840, em Ascoli (Italia). Completou em Avinhão (França) o seu noviciado.

A' illustre Companhia de Jesus apresentamos os nossos pêsames.

Fonte: Biblioteca Nacional. Jornal *A União* (1917)

Dentre as notícias sobre o falecimento do padre Galanti, esta foi a única que utilizou a sua imagem<sup>10</sup>, destacando a trajetória do “notável padre jesuíta”, desde o seu nascimento e tratando de sua formação, ambos em países europeus; intitulado-o como um dos “nossos historiadores”, talvez no intuito de reforçar a legitimidade de um religioso intelectual, que, inclusive, lecionou disciplinas de História do Brasil e Universal, nos colégios da Ordem; que

<sup>10</sup> Esta é a imagem mais utilizada do padre Galanti, seja na forma de pintura, como se pode encontrar no Centro de Memória do Colégio São Luís (SP), seja nos registros da Companhia de Jesus ou em outras notícias de jornais. No colégio paulista existe uma outra fotografia, do ano de 1889, em que Galanti aparece acompanhado de outros padres.

circulou, como membro e sócio correspondente, em diferentes Institutos brasileiros; e, por fim, destacando-o como autor de livros utilizados nos colégios jesuítas. Trata-se, portanto, de um elogio fúnebre que torna o padre Galanti conhecido e/ou legitimado entre seus pares.

No jornal *Correio Paulistano*<sup>11</sup> surgiram

<sup>11</sup> Foi publicado pela primeira vez, no dia 26 de junho de 1854, em São Paulo (SP), inicialmente, sua propriedade era de Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Ainda no Segundo Reinado chamava a atenção pelo caráter liberal e independente, mas logo as dificuldades financeiras o aproximariam do Partido Conservador, levando-o a incorporar o mesmo nas suas páginas. Em julho de 1874 foi comprado por Carlos Leôncio da Silva Carvalho – ministro dos Negócios do Império do Brasil. Com a criação do Partido Republicano Paulista (PRP), passou a ser órgão oficial, ganhando um tom conservador.

duas notícias sobre a morte do jesuíta: a primeira, do dia 9 de agosto de 1917, com um equívoco quanto ao seu primeiro nome, trocado por “José”, ao invés de “Raphael”, o que não impediu, pelo restante da informação, estar tratando da mesma pessoa, ao dar conta do falecimento do historiador. A nota, sem autoria, prosseguiu elogiando o jesuíta, enfatizando sua formação, os colégios em que lecionou, os Institutos Históricos e as Academias do país dos quais participou como sócio e os livros didáticos de sua autoria.

No mesmo periódico, em 8 de outubro de 1917, foi publicada uma coluna intitulada “Padre Raphael Galanti”, escrita por Deodato Wertheimer, ex-aluno do jesuíta no Colégio Anchieta, no estado do Rio de Janeiro. Médico e dedicando-se à carreira política<sup>12</sup>, o discípulo de Galanti imprimiu à notícia maior afetividade ao passamento do padre, diferentemente das notas informativas e elogiosas aqui já apresentadas.

Wertheimer justificou-se, no mesmo espaço, pelo fato de só escrever a respeito, após dois meses da morte do seu mestre:

Si houve, porém, da minha parte alguma demora em recordar da figura benemérita do modesto jesuíta historiador que traçou, com imparcial critério, as páginas mais belas da história da pátria, tenho, para justificar-me desta negligência contra o reconhecimento, motivos de imperiosa aceitação (p. 4).

<sup>12</sup> Médico e político, Deodato Wertheimer (1889-1935) ingressou em 1901, no Colégio Anchieta, no estado do Rio de Janeiro, onde cursou o secundário e recebeu o título de Ciências e Letras, em 1906; no ano seguinte ingressou na faculdade de medicina no Rio de Janeiro, concluindo seu curso em 1912. Paulista, chegou a Mogi das Cruzes, onde se tornou conhecido pelos serviços prestados durante a epidemia de gripe espanhola, o que lhe impulsionou a vida política. Foi o primeiro presidente do Centro Político e Republicano de Mogi das Cruzes, que fundou, em 1915. Em seguida, veio a ser vereador (1919), prefeito e presidente da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes (1920) e deputado (1922). Presidiu até a sua morte o Diretório do Partido Republicano Paulista de Mogi das Cruzes. Também escreveu colunas para o jornal *Correio Paulistano*.

**Figura 2** - Nota de falecimento Pe. Raphael M<sup>a</sup> Galanti



**Fonte:** Biblioteca Nacional. *Jornal Correio Paulistano* (1917).

Sua justificativa baseava-se no seu entendimento de que julgava existirem ex-discípulos mais aptos e mais bem colocados na sociedade, seja na magistratura, no comércio, na imprensa, nas letras e em tantas outras áreas do conhecimento, que poderiam ter prestado condolências pela perda do historiador ou escrito homenagem ao “extrangeiro que prestou à sua pátria um dos mais inestimáveis e generosos serviços” (Idem). Foi ele quem também questionou o fato de o Congresso Federal e o Estadual não terem expressado condolências pela morte do investigador, tendo ainda demonstrado espanto com uma observação feita à posição clerical de Galanti “de que num regimen onde predomina a separação da Igreja do Estado, o Congresso não se poderia manifestar em homenagem a um padre!!!” (p. 4). Mesmo sem citar quem teria proferido o comentário, indigna-se pelo fato de o padre haver colaborado imensamente para a formação de várias distintas gerações de grandes homens. Segun-

do o ex-aluno, o motivo para ter demorado tanto a se manifestar deveu-se à sua intenção de querer permitir que “vozes autorizadas”, vindas do Congresso, da imprensa ou dos institutos dos quais foi sócio, pudessem se manifestar. E continua: “(n)a sua roupeta humilde de jesuíta, que não admite honras nem glórias para seus filhos, nem mesmo dentro da própria religião, era o padre Galanti um grande, um herói, mas no terreno intelectual e científico bem pouco acessível a qualquer” (p. 4), pois, para ele, a indiferença alastrava-se pela República, que forçava os jovens a endeusarem nulidades, enquanto asfixiava o sentimento nobre que poderia ser nutrido por grandes personalidades, estas, sim, exemplos e guias para a juventude.

A notícia sobre falecimentos ou ainda os elogios fúnebres<sup>13</sup> impressos em jornais, os chamados necrológios, são tidos como fonte documental, na esteira do que propõe a nova História Cultural. São eles (Anjos, 2017) que oferecem informações sobre a vida dos falecidos, aproximando-se do gênero biográfico. Pierre Bourdieu (1996), a respeito dos limites de tal narrativa, atenta para a “ilusão biográfica”, pois, com o relato coerente e linear do nascimento ao fim da vida, destacam-se no obituário os momentos relevantes e se suprime o relato das contradições. Tais documentos, então, passam a não ser, de fato, o que ocorreu no passado, mas trazem as escolhas de quem faz o relato, coincidindo, desse modo, com a categoria documento-monumento, cunhada por Le Goff (1996), a qual considera um documento como “um produto da sociedade [ou do sujeito] que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (p. 546). Nesse caso, para nós, historiadores, fazendo-se necessário o estudo de necrológios, é indispensável notar as intencionalidades de quem os escreveu. Ainda sobre os necrológios – com-

13 No Dicionário Aurélio Online: notícia ou elogio fúnebre. Acessado 31/01/2019.

preendidos como documentos que, além de elogios, se fazem em torno de valores vividos pelos mortos –, nos dizem, também, dos “valores caros aos vivos e que o são a tal ponto que acabam selecionados por estes para construir a imagem do pai, do esposo e do cidadão ideal, erigindo-os, dessa forma e somente por carregar tais aspectos, em documento-monumento” (Anjos, 2017, p. 85).

Cabe aqui indagar: qual seria a procedência das referências publicadas nos obituários? Seriam informações advindas de biografias? A busca de resposta para tais indagações contribuiu para a intenção deste capítulo, qual seja, a de percorrer as experiências do sujeito e o seu itinerário. Num maior nível de detalhe: permite saber a procedência do intelectual, a sua formação, o seu campo de ideias – de quais pensamentos se aproxima e se afasta frente às complexas interpretações e, levando em consideração o problema de reconstituição, conforme alertado por Sirinelli (2003), estabelece relações entre o que vai sendo levantado e a hipótese de que é por meio dela que padre Galanti constrói sua memória.

## Escritas sobre a vida: biografias e autobiografia

Ao longo do artigo o leitor poderá observar, de um lado, as biografias escritas em torno da vida de padre Galanti, suas correspondências ativas, o que permite inserir esta pesquisa no campo historiográfico da educação brasileira, em sua dedicação às investigações de documentos privados. Por outro, as autobiografias, os diários, as cadernetas de viagens, as cartas, os poemas e as outras fontes buscam, nas narrativas neles contidas nestes como documentos históricos, o que há de íntimo e subjetivo na vida do sujeito que escreve. Quanto a esse aspecto, considero haver sido as cartas escritas com certa espontaneidade, com liberdade

e uma suposta sinceridade, sendo seu reme-  
tente um religioso intelectual. E prossigo, inda-  
gando-me, como o fez Philippe Lejeune (1991)<sup>14</sup>:  
alguém poderia dizer a verdade sobre si mes-  
mo? Justa indagação, não?, se considerarmos  
a autobiografia como um “relato retrospectivo  
em prosa que uma pessoa real faz de sua pró-  
pria existência, colocando ênfase em sua vida  
individual e, em particular, na história de sua  
personalidade” (Lejeune, 1991, p. 48).

As biografias, por outro lado, podem ser  
homenagens *post mortem* direcionadas ao  
biografado, pelo que “[tornam-se] discurso  
narrado pelo sujeito autor e protagonista, [ins-  
taurando] sempre um campo de renegociação  
e reinvenção identitária” (Carvalho, 2003, p.  
284)<sup>15</sup>, privilegiando o autor face ao biografado.

Com a expectativa de revelar o padre je-  
suíta ou fazer o mesmo revelar-se a si pró-  
prio, percorri o caminho apontado por Gomes  
(2009), quando considera que os historiado-  
res se voltaram para os arquivos privados de  
seus personagens e deixaram de procurar suas  
ações ou ideias, o que, por certo, exige a bus-  
ca da “forma pela qual eles constituíram a si  
mesmos, à medida que selecionavam e guar-  
davam seus documentos e, assim, propunham  
um sentido para suas vidas” (p. 7).

No percurso de conhecer a vida de Galan-  
ti também cheguei às cartas por ele enviadas  
ao Barão de Studart, mantidas sob a guarda do  
Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico  
do Ceará.<sup>16</sup> O destinatário das missivas - Gui-

lherme Chambly Studart<sup>17</sup> (1856-1938) - foi um  
dos principais fundadores do Instituto, presi-  
dindo-o entre 1901 e 1910, pessoa com quem  
o laço de amizade foi tecido e mantido por Pe.  
Galanti, por meio de escritas epistolares, tra-  
tando de livros, escrituras, política e ameni-  
dades. Em escritas sobre si, Galanti redigia em  
primeira pessoa, arriscando-se a fazer da sua  
vida uma história (Bourdieu, 1996, p. 183). Pos-  
sivelmente não estaria se dando conta de que  
uma, dentre tantas cartas, com uma narrativa  
sobre estudos, sobre sua carreira no magisté-  
rio e como autor viria a se cristalizar através  
do tempo, sobrepujando-se às suas futuras  
biografias. E eu me utilizo de Bourdieu para  
prosseguir:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobio-  
gráfico se baseia sempre, ou pelo menos em  
parte, na preocupação de dar sentido, de tornar  
razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tem-  
po retrospectiva e prospectiva, uma consciência  
e uma constância, estabelecendo relações inte-  
ligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou  
final, entre os estados sucessivos, assim cons-  
tituídos em etapas de um desenvolvimento ne-  
cessário (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Em carta ao Barão Studart, Galanti escre-  
veu sua autobiografia. Nela não falava de sua  
infância ou de sua família na Itália, e tal au-  
sência pode revelar um vestígio, pois permite  
relacionar esse silêncio à morte simbólica do  
religioso para a vida anterior ao sacerdócio,  
do que pode ser exemplo a sua batina signifi-  
cando a sua morte para o mundo.<sup>18</sup> Nessa sua

14 LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico*. In: LOU-  
REIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus proble-  
mas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. pp. 47-61.

15 CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identida-  
de e narrativa: elementos para uma análise herme-  
nêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano  
9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003

16 O Instituto do Ceará foi fundado em 4 de março de  
1887, sendo a mais antiga instituição cultural do esta-  
do e uma das mais antigas do Brasil. A instituição tem  
como finalidade o estudo e a difusão da História, da  
Geografia, da Antropologia e ciências afins, especial-  
mente no tocante ao Ceará. Disponível em [https://  
www.institutodoceara.org.br/instituto.php](https://www.institutodoceara.org.br/instituto.php). Acesso  
em 03/03/2019.

17 Nascido no Ceará, foi médico, herdou do seu pai o  
título de vice-cônsul do Reino Unido, recebeu o tí-  
tulo de barão, em 1900, do Papa Leão XIII. Tornou-  
se conhecido historiador, principalmente, no que se  
refere à memória do Ceará. Para mais informações  
ver BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. Arquivo de si e  
do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart  
(1892 -1938). (Tese Doutorado) – Universidade Federal  
do Ceará, 2014.

18 Segundo Souza (2012) a batina é uma veste que pode  
ser usada por seminaristas, padres e bispos, é uma  
veste com 33 botões, que representam a idade de  
Cristo e 5 botões na manga, que representam as 5  
chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo [...] O seu uso

escrita, ele versava apenas sobre seus estudos na província italiana e, a partir de sua entrada para Companhia de Jesus, sobre sua carreira de padre, professor e autor, a partir do que selecionou acontecimentos, cronologicamente, para dar sentido à sua vida intelectual.

As cartas de padre Galanti apresentam fórmulas bem conhecidas, como observou Ângela de Castro Gomes (2004), com datas, tratamentos e despedidas (p.20), elementos que me permitiram apreender espaços e temporalidades, acontecimento, sentimentos, cotidianos e intimidades.

Collegio A Nova Friburgo

24 de set de 1912

Illmo Sr. Barão de Studart

Am. e Sr.

Para corresponder... Sr e o desse Instituto vou dar-lhes as informações que me pediu, mas com a condição que este meu escrito já que secreto enquanto eu viver. (Carta Galanti 24/09/1912)

Escrita no último colégio em que o padre Galanti lecionou, a carta, ao que parece, responde a um pedido anterior do Barão Guilherme Studart, que é tratado pelo jesuíta, nesta e em outras missivas, com certa formalidade, possivelmente pela formação do missivista, apesar de nunca dispensar o “amigo” ou “prezadíssimo amigo”. Essa relação, aparentemente amistosa, inspira confiança, permite a exposição de si ao outro, mostrando amizade, pela forma de tratamento, e ainda expressa a “circulação de informações culturais e sociopolíticas que forma uma rede mais vasta de correspondentes” (Vincent-Buffault, 1996, p. 21).

Vale ressaltar que o pedido feito, para que o escrito fosse revelado apenas após sua morte, contrasta com favores requisitados na troca de cartas anteriores. Exemplifico: em 22 de novembro de 1905, o remetente, Pe. Galanti, comunica a Studart haver enviado três exemplares do quarto volume de *História do Brasil*,

---

significa a morte do padre para o mundo [...] (p. 55).

o último editado até aquele momento, e sugere ao destinatário a publicação sobre o livro em algum jornal. Assim, numa outra missiva, a de 22 de outubro de 1906, entre variados assuntos, como costumam ser as cartas mais íntimas, nas quais a sequência não tem uma lógica determinada, Galanti pede a Studart para escrever sobre ele:

“V. Excell. outro anno me escreveu que estava no fim do meu trabalho para dizer o seu parecer a respeito delle. Pode, se quiser, publicar esse parecer em algum jornal ou envia-lo diretamente a mim. No primeiro caso desejo muito que me remeta o jornal” (Galanti, carta de 22/10/1906).

Relevante informar que o destinatário das cartas, Barão de Studart, possuía sua própria tipografia para publicação dos seus trabalhos, que versavam, principalmente, sobre a história e a memória do Ceará, temas aos quais se dedicou até o final da vida. Pelo visto, a amizade, esta que “estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações” (Vincent-Buffault, 1996, p. 9), veio a ser utilizada por Padre Galanti para solicitar pedidos e favores. Em tal direção posicionou-se Mignot (2005) ao estudar as correspondências utilizadas com o objetivo de solicitar favores, a mediadores influentes, como políticos que intercediam, em favor de quem lhes escrevia (Mignot, 2005, p. 60). Também Silva (2012) levou em consideração esse tipo de cartas mostrando que Rocha Pombo, recém-chegado do Paraná ao Rio de Janeiro, valeu-se de uma figura reconhecida e legitimada na cidade para se aproximar de um grupo aí já estabelecido.<sup>19</sup> No caso específico do padre Galanti, este agia e pedia em benefício próprio, utilizando-se da sua rede de sociabilidade, fazendo valer sua

<sup>19</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*, Editora Apris, Curitiba, 2018.

condição de intelectual para divulgar seus livros didáticos.

Padre Galanti continuou a narrar seu percurso intelectual a Studart:

Nasci em 15 de novembro de 1840 no município de Ascoli Piceno pertencente naquele tempo, aos estados de Pondo [ilegível] Estudei meus preparatórios nessa cidade de Ascoli e saí de Loreto. Entrei para a Comp. de Jesus em Roma a 30 de set de 1860; estudei em Roma Philosophia e Ciencias naturais, vim para o Brasil em 1866; “ensinei” latim e outras materias na capital de S. Catharina. A fim de completar meus estudos voltei para Europa no princípio de 1870 comecei minha Theologia em Roma deste mesmo ano até 1873 (Carta de Galanti, 24/09/1912)

O inaciano buscou manter na sua escrita uma sequência temporal linear, retrospectiva, suponho que com a intenção de manter uma lógica, a de sua formação jesuítica, que durou quatorze anos.<sup>20</sup> Parece clara a intenção de

20 Atualmente a formação de um jesuíta tem duração média de doze anos, incluindo o Noviciado, período que “corresponde à formação inicial de qualquer jesuíta. Trata-se de um tempo de maior “recolhimento” na relação com o exterior, referindo-se aos dois primeiros anos de formação e incluindo oração, eucaristia, autoconhecimento”, vida comunitária, provas e primeiros votos; Juniorado, “depois do Noviciado, centrado na formação espiritual, é tempo para o estudo detalhado da Filosofia, complementado com elementos de Humanidades (latim e grego, literatura e cultura clássica, etc.)”, assim como de apostolado e vida comunitária; Magistério, abarca trabalho numa obra jesuítica, vida numa comunidade e tempo de serviço; porém, “há quem faça o magistério dando aulas em colégios ou colaborando em centros universitários”; Teologia, para os Irmãos, diz respeito ao começo do ministério apostólico, enquanto para os Escolásticos inclui 5 anos de Teologia e a Ordenação ao fim do 3º e 4º ano; Ministério apostólico, vida, oração e serviço junto a outros companheiros numa comunidade jesuítica, em qualquer obra ou missão da Companhia; Terceira Provação “é quase um segundo noviciado, regresso à ‘escola dos afectos’ depois de tantos anos de formação intelectual. O jesuíta volta a fazer os Exercícios do mês e algumas das experiências do Noviciado, estuda de novo a vida de Inácio e as Constituições da Companhia e, sobretudo, tem um tempo longo para olhar e rezar o caminho feito, riquezas e fragilidades, aprofundando, assim, os grandes pilares e desafios da sua vida dedicada a Deus e aos outros”; por fim, os Últimos Votos, feitos no final da Terceira Provação, última fase da formação, quando acontece a incorporação definitiva à Companhia

narrar apenas a sua vida acadêmico-religiosa, possivelmente porque, após sua entrada na Ordem de Inácio de Loyola, fosse o que de fato importasse na trajetória de sua própria vida, traçando um começo, as etapas e um fim, no duplo sentido de término e finalidade (Bourdieu, 1996, p. 183). Assim fez seus votos e:

[r]egress[ou] para o Brasil em 1874, Collegio S. Luis de Ytu “ministrando” historia universal e do Brasil, geografia, inglês e outras matérias. Em 1878 navegando para o Pará[...] historia universal e historia escolastica no seminario diocesano de Belem. Em 1881<sup>21</sup> voltei para Ytu onde ensinei as mesmas materias até 1878, quando fui chamado para ir até o Collegio Anchieta em Nova Friburgo [ilegível] historia universal, do Brasil e inglês. Escrevi um compendio de gramática inglesa, um compendio de historia universal para[...] nas aulas, um compendio de historia do Brasil para o mesmo fim, um intitulado Licções e uma Breve historia<sup>22</sup> do Brasil destinada as creanças do curso preliminar. Produzi também uma historia do Brasil um ponto maior em seis volumes. O IV vae até a Guerra do Paraguay. O V até a morte do presidente Affonso Penna. O VI [...] da biographia de brasileiros illustres resumidamente expostas são de 33 biographias (Galanti, Carta, 24 de setembro de 1912).

Interpretando o gesto epistolar de Pe. Galanti e inspirada em Chartier (1991), percebo a subjetividade e o lugar social dos autores. Por mais formal que pretendesse ser a escrita de Galanti, ao falar do seu nascimento e de sua formação, antes mesmo de tratar do seu ingresso na Companhia de Jesus, nosso missivista evidenciou um tom íntimo, pessoal e espontâneo, desvelando o seu lugar social. Se não, veja-se:

[...] escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar

de Jesus. Disponível em: <https://jesuitas.lat/pt/somos/formacao/etapas-pt#> Acesso em 25/02/2018.

21 Há uma inexatidão nas datas; na realidade a ida para o Pará se deu em 1878 e o retorno para São Paulo se deu em 1881.

22 Sublinhado pelo próprio autor. Provavelmente, por não ter sido ainda publicado pela editora Duprat & Comp., o que só ocorreria no ano posterior.

vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! (Bastos; Cunha; Mignot, 2002, p. 05).

A carta, na qual Pe. Galanti escreve sobre si, com o intuito de informar e registrar, parece ter sido pensada e repensada, escolhendo aquelas que lhe pareciam as melhores palavras e selecionando, de maneira lógica e cronológica, a descrição da sua trajetória. A missiva permitiu não apenas a percepção do jesuíta inscrito no seu meio social, como também - e até por isso - propiciou a reconstituição do seu itinerário pelo que narra acerca de sua formação religiosa e acadêmica e da sua circulação. Trata-se de uma escrita que me autorizou a fazer o mapeamento do seu engajamento intelectual, amparada em Sirinelli (2003) em sua afirmação de que “todo grupo intelectual organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver (p. 248)”.

Nessa perspectiva e seguindo pistas deixadas na epístola sobre sua autobiografia e sua produção escrita me foi possível, a partir do cotejamento dos necrológicos e biografias, apreender a representação do jesuíta no mundo social (Chartier, 1990).<sup>23</sup> Como componente não menos importante da análise dessas biografias, pude construir a percepção do esforço feito pelo jesuíta na orientação e apresentação de si.

São cinco as biografias de Pe. Galanti, que, apesar de sucintas, procuram tratar de suas experiências na relação com outros sujeitos,

nos locais por onde passou e no contexto em que esteve inserido. A primeira, inserida no *Diccionario bibliographico brasileiro* v. 7 (P - Z), de Augusto Victorino Sacramento Blake (1902), revela a intenção de tornar conhecidos brasileiros com “obras de alto valor” desde o tempo colonial. Como o autor enfatiza no prefácio do primeiro volume, sua obra sanava a carência por um trabalho em que “se povessem em relevo os meritos litterarios de tantos brasileiros, distintos nos diversos ramos dos conhecimentos humanos [...]”.<sup>24</sup> Por esse viés, ganhou destaque a vida profissional de Pe. Galanti, mediante a menção dos Colégios onde lecionou e a indicação de alguns aspectos de sua carreira intelectual, com destaque para os Institutos dos quais participou e para os livros que havia escrito.

Abordando sua carreira, é notável que tal biografia tenha destacado apenas pontos relevantes e apreciáveis, no sentido da seleção dos “fatos significativos [que iriam] acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias, privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada” (Levi, 2005, p. 172). Talvez por isso, Blake (1902) tenha destacado a participação do Pe. Galanti como membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, cuja entrada se deu em 1896.

O padre jesuíta Raffaele Galanti, ou Raphael Maria Galanti, como ficou conhecido no Brasil, nasceu no dia 15 de novembro em 1840, em Cepparano, na Província de Ascoli Pisceno, pequena cidade italiana. Filho de Vicenzo Galanti e Olimpia Pomponi, ingressou na Companhia de Jesus aos 20 anos de idade, no dia 30 de setembro de 1860, conforme informação dada pelo padre jesuíta Pedro A. Maia<sup>25</sup> (1991), orga-

23 Conforme Roger Chartier, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (Chartier, 1988, p. 17).

24 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento: *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 7 volumes, 1883-1902. Obra composta por 7 volumes, foi digitalizada pelo Senado Federal: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>

25 Maia ingressou na Companhia de Jesus em 1944, trabalhou no Colégio Loyola (MG) e no Colégio São Luís

nizador do livro *Jesuítas Falecidos I – Letra A – P*. Nele, em pouco mais de uma página, apresentou o Pe. Galanti, baseando-se em notícias recebidas da Província Centro Leste, baseando-se em informações privilegiadas, visto ser o acesso direto aos documentos, muitas vezes, sonogados aos leigos. Discorreu sobre os estudos e sobre a formação religiosa de Pe. Galanti, tratando de sua carreira como professor nos Colégios da Companhia e no Seminário de Belém, falando do jesuíta como consultor da Missão Romana e como Capelão no Convento Nossa Senhora das Mercês, em Itu. Maia (1991) abordou ainda um último aspecto, a doença que vitimou o padre: uma “congestão cerebral”<sup>26</sup> que o fez passar “na inanição os últimos quatro anos da sua existência” (p. 13).

Já na *Biografia dos nossos que viveram e trabalharam no Brasil 1910-1967*, escrita provavelmente também por um padre sobre os clérigos que viveram no Colégio São Luís de Itu, pude verificar a presença de referências sobre o percurso de Galanti no Brasil após sua chegada aqui. Também nessa fonte, como até mesmo em outras a que tive acesso e que versam sobre a biografia do Padre Galanti, constatei que incluem sua vida civil. Mas foi nela própria que, em seu último tópico, me chamou a atenção aspectos revelados sobre a personalidade de Galanti, os quais, possivelmente, refletiram-se em sua prática docente.

Pe. Galanti era professor temido, no entanto, mostrava-se arrojado se for considerada a sua disciplina e a pedagogia jesuíta que o impregnavam. Cheguei a tal entendimento quando pude examinar o periódico *Aurora Collegial*,

jornal de alunos, e nele pude encontrar numa de suas colunas uma discussão sobre quando deveria ser comemorado o descobrimento do Brasil. A matéria, denominada “3 de maio”, discutia a posição de Galanti no livro de sua autoria *Breve História do Brasil*. O articulista, E. M. Walmar, repelia a posição de Galanti, em sua defesa de que a data estaria ligada à mudança do calendário em 1582, por terem sido suprimidos 10 dias do calendário. Para o aluno Walmar (1905), a hipótese era tida como “impossível, inútil e desnecessária” (p. 2), visto que a reforma não se aplicaria de forma retroativa, pois quando se deu a mudança do calendário Juliano para o Gregoriano já existíamos há alguns anos; enfim, para marcar “o descobrimento preferiram os colonos o dia da posse, que, na [...] opinião, se realizou no dia três de maio” (Idem). Mesmo com a supervisão direta dos padres, pode-se notar uma certa liberdade na escrita dos alunos, pois é notória a contra-argumentação apresentada pelo aluno ao se referir ao livro de seu professor.

Organizada numa linha do tempo, de autoria desconhecida, datilografada em folha A4 e colada num papel mais espesso, ela está impressa numa ficha. Tal biografia, mantida sob a guarda do *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), em Roma, aborda a formação religiosa e as funções que Galanti desempenhou durante sua vida sacerdotal, sem, no entanto, citar a vida autoral.

Esse documento, abreviado e escrito em latim, com uma biografia profissional, possivelmente baseada nos *Catálogos da Missão Romana*, dá a conhecer, principalmente, todo o tempo de formação de padre Galanti e, também, cada função desempenhada por ele após ter vindo para o Brasil, evidenciando sempre um cotejamento com outros documentos.

Precisei neste processo de investigação, rever um aspecto estudado por Karl Heinz Arenz (2016), quando afirma que “os *Catalogi Perso-*

(SP); desde 1953 dedica-se à pesquisa da história dos jesuítas na Província Centro-Leste, que inclui os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Estudioso, conta com muitos livros publicados, dentre eles: *Crônica dos Jesuítas do Brasil Centro Leste*, 1991 e *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, 2004.

26 Congestão cerebral é um termo muito usado no passado para caracterizar indiscriminadamente uma vasta gama de patologias cerebrais, neurológicas e psíquicas, expressão atualmente em desuso.

*narum*, isto é, as listas anuais ou trienais que elencam em detalhe todos os membros da Missão, revelam que o número de missionários de origem e/ou de formação nativa diminuiu durante a primeira metade do século XVIII” (ARENZ, 2016, p. 19). Sim, porque tais listas não se extinguiram, pelo contrário, existem e são utilizadas em dias atuais e em minha análise da revista em questão, pude notar a menção e a utilização desses catálogos para mostrar onde estavam os membros da Missão e suas funções, ou mesmo sua exiguidade: “para mostrar essa escassez, envio-lhe um catálogo da nossa Missão, impresso no ano passado, no qual você verá o número e as nossas diferentes ocupações.

Mergulhada nos estudos de Levi (2005), analisei a biografia, já que elaborada em formato de “linha do tempo”, uma vez que, segundo o autor italiano, os sujeitos não “seguem itinerários coerentes e determinados” (Levi, 2005, p. 171), pois, ao se apresentarem de acordo com aquele formato, as biografias o fazem pelo senso comum, à medida que descrevem apenas um trajeto ou um caminho percorrido “que tem um começo (ou uma ‘uma estreia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (‘ele fará seu caminho’ significando que ele terá êxito, fará uma bela carreira), ou que haverá um fim da história”, como assinala (1996, p. 183), enfatizando apenas fatos significativos da vida e acentuando o caráter modelar que, no caso do Padre Galanti, entendo como os fatos em torno de sua formação e carreiras eclesial e docente. Ainda nesse sentido, o estudo de Lilia Schwarcz (2013), em que fez um balanço da biografia como gênero, prestando-se à orientação de historiadores e cientistas sociais acerca das dificuldades com as quais se deparam – tentativa de inventar trajetórias, de dar evidência ao sujeito, que em seu contexto pode ter tido pouco destaque, e criar heróis, no intento de “defender” suas

“obras”, deixando poucas vezes de deixa brotar a ambivalência, comum à vida. Ciente deste caminho sinuoso, o do gênero biográfico, busco o protagonista nas contingências do seu contexto social, nas suas filiações e nas suas redes de sociabilidade, pois, tomo as biografias sobre Pe. Galanti, como pistas que, como tais, apresentam fatos selecionados, também capazes de me auxiliar na obtenção de informações temporais e espaciais para a reconstrução, diante dos meus olhos, da sua vida.

## Entre viagens e estudos: a constituição de um jesuíta

Com sua entrada na Ordem Jesuítica, o Pe. Galanti experimentou sua primeira viagem destinada à própria formação. Saíra da pequena Ascoli-Pisceno e se juntou a outros companheiros em Roma. A partir daí, o jesuíta fez longas travessias entre a Europa e a América do Sul e esteve em “trânsito por instituições [dentro do Brasil, pois a] cada movimento [permitia a] circulação de saberes e a promoção de práticas educativas e culturais diversas” (Silva, 2018). Não encontrei durante a pesquisa nenhum diário de bordo ou outro documento autobiográfico sobre seu período de formação, por isso precisei inferir e buscar pistas em outras fontes, de autoria de outros padres e autores na tentativa de me levar à reconstituição do período.

Explorei o itinerário cumprido pelo jesuíta e a ele proposto pela Ordem Jesuítica para realizar a sua formação, capturando assim, o movimento de Galanti, nas biografias anteriormente citadas e, principalmente, na carta ao Barão de Studart que, no ano seguinte à morte do jesuíta alvo do presente estudo, deu corpo a uma biografia. Tal biografia foi escrita pelo fundador e diretor do Instituto Ceará, dentre outros estrangeiros, e veio a ser publicada não só na *Revista do Instituto* como

na biografia do próprio jesuíta, disponível no Vaticano (ARSI), a partir da qual pude ter ciência de seus estudos e de suas viagens neste período e para além dele; e, mais ainda, como ele se constituiu num intelectual religioso, que mais tarde se tornaria autor de livros didáticos no Brasil.

Na carta ao Barão, em que Pe. Galanti afirmou “estudei em Roma Philosophia e Ciencias naturais” (Galanti, 1912), percebi a supressão de outras informações pessoais sobre este momento de sua vida, uma vez que o próximo ano por ele citado foi o de 1866. Recorrendo aos *Catálogos da Missão* e a outras fontes – a linha do tempo é um exemplo –, observei que, logo nos dois anos seguintes à sua entrada na Companhia (1861 e 1862), Pe. Galanti, ainda noviço, havia se dedicado a uma vida de oração, de estudo da Ordem, de autoconhecimento e de provas, tendo, então, professado seus primeiros votos, a saber: de pobreza, castidade e obediência, vindo a completar o seu noviciado, nas Províncias de Roma e de Avignon. A continuação de sua formação prossegue no Colégio Romano. Ao lado dos estudos de Filosofia e de Teologia no Colégio de Roma fazia-se necessário viver a experiência apostólica. Com tal intuito, o jesuíta se dedicava de forma integral a uma obra da Companhia, geralmente, um colégio. Daí Padre Galanti ter feito sua primeira viagem ao Brasil, aqui chegando no dia 8 de dezembro de 1866, dirigindo-se ao Colégio Santíssimo Salvador, em Desterro, atual Florianópolis.

Em 1870, padre Galanti voltou à Europa para dar prosseguimento aos seus estudos. Foram mais quatro anos dedicados à Teologia. No ano seguinte, em trânsito para Roehampton, na Inglaterra, permaneceu em Manresa House<sup>27</sup>, onde foi aluno do 2º ano de Teologia. Nos anos de 1872 e 1873, no Colégio St. Beuno, na Grã-Bretanha, Padre Galanti estudou os

27 Tradução livre. Disponível em <http://www.london-gardensonline.org.uk/gardens-online-record.php?ID=WND047>. Acesso em 07/03/2019.

dois últimos anos do curso de Teologia. Junto ao *Archivum Britannicum Societatis Iesu* (ABSI)<sup>28</sup>, também na Grã-Bretanha, foi-me possível acessar fontes que propiciaram conhecer as experiências vividas pelo jesuíta, servindo-me dos Catálogos da Província, do “Diário de Bordo de St. Beuno” (1867-1874), que remete à escrita diária e oficial, sob guarda do arquivo do colégio, e o diário pessoal de John Gerard. O Catálogo de 1872 menciona o Pe. Galanti e o Pe. Giomini, alunos na mesma turma do terceiro ano de Teologia,<sup>29</sup> possibilitando notar a existência de apreço entre os padres italianos desde a sua formação, amizade que, posteriormente, encontrei materializada de forma escrita nas cartas que Pe. Galanti enviou ao seu amigo. No “Diário de Bordo” do colégio, encontrei também referência à ordenação de vários outros religiosos, dentre os quais a dos padres Galanti e Giomini, ocorrida numa segunda-feira, tendo este último proferido o discurso na cerimônia solene, sem que o mesmo tivesse sido transcrito.

Não foi encontrado mais nenhum documento que se referisse ao jesuíta ou mesmo a escritos de sua autoria. Com a perspectiva de reconstituir algumas das experiências vividas por eles, busquei, no “Diário de John Gerard (1870-1874)”, escrito por um contemporâneo de Pe. Galanti, o cotidiano deste padre, já que a escritura relata o mesmo período vivido pelo jesuíta italiano.

Ao tomar conhecimento do diário, percebi ser necessário deter-me com mais vagar a esse tipo de texto e tecer algumas considerações

28 “O Arquivo inclui uma coleção de livros sobre anti-quários que consistem em obras de membros da Província e aqueles definidos como importantes para a história do catolicismo pós-Reforma na Grã-Bretanha e / ou para a história e espiritualidade da Sociedade”. Tradução livre. <http://www.jesuit.org.uk/archives-jesuits-britain>

29 Os outros alunos foram os padres Alexander Diomed, Alphonsus Parisi, Antonius Antonioletti e Antonius Butler. Ainda, Guilielmus Loughnan (prefeito de estudos), Henricus Edward (prefeito da biblioteca) e Joannes Hamilton (Catálogo da Província, 1872, p. 11)

sobre esta fonte pois, apesar de ser uma escrita autobiográfica, mantém certas diferenças em relação às cartas analisadas. As epístolas possuem um destinatário específico, revelam sentimentos/pensamentos do remetente, caracterizam-se por possuírem um conteúdo íntimo e reservado, destinado apenas ao conhecimento e a possíveis comentários do destinatário. O diário é escrito para a posteridade, para ser usado como suporte de papel de uma memória que se pretende preservar, usa uma escritura informal e, aparentemente, descompromissada (Camacho, 2005).

Tive acesso ao diário de John Gerard do ano de 1872 e dele percebi a estrutura. Escrito em folhas brancas e sem pauta, sempre escrito com pena em cor preta, foi distribuído pelas datas e pela menção aos dias da semana correspondentes. Composto por muitas páginas não numeradas, contém anotações nas margens e é ilustrado por desenhos dos mais variados tipos. Ali, o autor narrou as aulas assistidas, os eventos de que foi participante e até a última refeição por ele degustada.

No dia 1º de janeiro, segunda-feira, Gerard descreveu a ordenação que presenciara: “Dia de ano novo. Giomini, Antonioletti, Galanti, Diomedi, Butler e Parisi foram ordenados padres”. Páginas adiante foi documentada uma viagem: os seminaristas viajaram para Tronchiennes, na Bélgica, onde o Pe. Galanti teve seu último ano de formação espiritual, a chamada Terceira Provação, em 1874. Esta, segundo Rahm (2004), “é um período de oração mais profundo. É o reviver do noviciado, na preparação dos votos finais” (p. 79). Passando por ela, cumprindo este tempo de aprofundamento espiritual proposto por Santo Inácio “*Ad majorem Dei*”<sup>30</sup> estaria Galanti pronto para cumprir sua missão evangelizadora e missionária, por meio da educação.

30 “Para maior Glória de Deus”, lema da Companhia de Jesus.

## Um religioso no Brasil: magistério e livros

A bordo do navio Ibéria, Padre Galanti viajou para o Brasil, juntamente com Pe. Giomini, tendo aqui aportado no dia 13 de novembro de 1874, conforme informou o *Jornal do Commercio*, na seção “Movimento do Porto”. Daí seguiram para a cidade de Itu, em São Paulo. Pude supor que os dois padres seguiriam juntos, na medida em que localizei um cartão, sem data, com o timbre do Instituto San Francesco Saverio,<sup>31</sup> que os enviara de Roma, cartão este em que constavam o seu nome e o do padre Giuseppe Mantero, uma espécie de *carte de visite* sem foto, o que se constituía em procedimento muito comum no século XIX, como que uma apresentação conjunta dos clérigos.

Aliás, os dois padres ficaram juntos por um bom tempo. Importa dizer ser o Padre Mantero<sup>32</sup> um homem influente, do que é exemplo a sua iniciativa de, quando reitor do Colégio São Luís, em Itu, haver pleiteado, junto ao governo, a abertura de dois outros colégios, o Santo Inácio, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro e o Anchieta, na cidade de Nova Friburgo, ambos no estado do Rio de Janeiro.

Padre Galanti lecionou diferentes disciplinas no Colégio São Luís. Em 1875 foi professor de Gramática (Português) e, no ano seguinte, de Francês. No ano de 1877 ensinou Inglês, História e Geografia, Aritmética, e ainda desempenhou a função de Prefeito do Internato. Assumiu o cargo de ministro da casa e professor do 1º ano de História e do 2º ano de Inglês, quando, em 1878, no dia 4 de fevereiro, realizou sua profissão solene dos Quatro Votos,<sup>33</sup> junto

31 Conhecido também como Collegio San Francesco Saverio.

32 Cf. MENDONÇA (2010)

33 Os jesuítas acrescentam aos tradicionais votos de pobreza, castidade e obediência, um quarto voto de Obediência incondicional ao Papa, como se vê, a seguir, na Fórmula dos quatro votos solenes: “Eu, [Nome

ao reitor do colégio ituano, Padre José Maria Mantero, “grande articulador da fundação e do restabelecimento de alguns colégios jesuíticos no Brasil” (Mendonça, 2010, p. 78).<sup>34</sup>

Nesse mesmo ano, sua estada foi interrompida, ao viajar para o Pará, acompanhando o bispo D. Antônio Macedo Costa, em visita pastoral, como um pregador de missões populares. Lecionou, no Seminário de Belém as disciplinas de História da Igreja Católica e Filosofia, além de ter desempenhado a função de prefeito espiritual, confessor e ministro da casa, nos anos de 1879 e 1880, ano em que sua primeira carta foi publicada na *Woodstock Letters*. Em março de 1881, o padre Galanti retornou ao

Colégio de Itu, onde permaneceu até 1898. Em meio a todas essas ocupações, o jesuíta ainda desempenhava uma outra função, a de escrever as notícias e as experiências em terras brasileiras.

Na única fotografia que pude encontrar no Colégio São Luís, um retrato do ano de 1889, estão visíveis as marcas de identificação da instituição que o guarda, Padre Galanti aparece posando junto aos seus companheiros, todos perfilados e sérios, na parte externa da instituição. A foto me provocou questionamentos sobre seus companheiros ali retratados. Quem seriam eles? Seguiram o caminho intelectual de Galanti?

**Figura 3** - Pe. Galanti e demais padres do Colégio São Luís (1889)



**Fonte:** Acervo do Colégio São Luís

do Jesuíta], na presença da Virgem Maria Mãe de Deus, dos Santos do céu e de todos os que aqui estão reunidos, faço profissão e prometo a Deus Todo-Poderoso e a você, R.P. [Nome do Provincial ou Reitor] (\*) representante de Deus em vez do Propósito Geral da Companhia de Jesus e seus sucessores, pobreza, castidade e obediência perpétua; e, de acordo com a dita obediência, uma dedicação especial à instrução das crianças, de acordo com o modo de vida determinado nos Documentos Pontifícios da Companhia de Jesus e em suas Constituições. Também prometo obediência especial ao Sumo Pontífice por qualquer missão que me seja enviada, conforme expresso nos mesmos Documentos e Constituições Pontifícias. [Nome da cidade], na Igreja de [Nome da igreja], em [Data dos Últimos Votos] (Assinaturas de quem faz os votos e de quem os recebe) (\*) Se os votos forem recebidos pelo Pe. Geral, será escrito: “para você, R.P. [Nome do Pe. Geral], Propósito Geral da Companhia de Jesus, representante de Deus e seus sucessores”. Quando a Companhia for governada por um Vigário Geral, em vez de “representante de Deus em vez do Propósito Geral da Companhia de Jesus e seus sucessores”, será escrito: “representante de Deus em vez do Vigário Geral da Companhia de Jesus de seus sucessores” (Constituciones de la Compañía de Jesús y Normas Complementarias (Parte V, capítulo 3, n.3 [527]). Tradução livre.

34 Padre Mantero foi “professor do Colégio São Francisco, em 1872, em Recife, e Ministro, Reitor e Superior no Colégio São Luiz Gonzaga, em Itu (SP), no período de 1873 a 1877. No que diz respeito ao currículo das escolas, era defensor do ensino e da leitura dos clássicos” (Mendonça, 2010, p. 78).

Padre Galanti, protagonista deste estudo, está na segunda fileira, é o terceiro da esquerda para a direita, tem sob seu braço o número “12”.<sup>35</sup> Importa observar este tipo de material, pois, como bem assinalou Mignot (2000), “as fotografias revelam o ambiente, o personagem principal e emolduram o tempo. Em tom sépia, acusam a passagem vertiginosa da vida. Assim como outros documentos contam uma história, a história de vida [...]” (p. 130). Esta fotografia, como uma forma de congelamento de espaços temporais, comunica e informa sobre o grupo de professores do Colégio São Luís, em anos pretéritos. Dispostos na fileira inferior da fotografia, da direita para esquerda, conforme informou uma legenda organizada pelo arquivo do Colégio São Luís, estão: Pe. Graziosi, Pe. João Fialho, Pe. Arcioni, Pe. Giorgini, Pe. Mantero, Pe. Sardi, Pe. Triossi, Pe. Benvenuti, Pe. Taddei; na fileira intermediária, da esquerda para direita, estão Pe. Matheucci, Pe. Rodrigues, Pe. Galanti, Pe. Poggioli, Pe. de Meis, Pe. Bigioni, Pe. Terrier, Pe. de Angelis, Pe. Luigi Rossi, Pe. Anagni, Pe. Natuzzi; e na fileira superior, da direita para a esquerda, estão os irmãos Fr. Silanes, Fr. Giuliani, Fr. Meliô, Fr. Gonnella, Fr. Masseurs, Fr. Alberani, Fr. Rosella, Fr. Krause, Fr. Frattali, Fr. Nardella, Fr. Giov. Battisti e Fr. Lemmi.

Estudando os *Catálogos da Missão*<sup>36</sup> observei a convivência profissional desses padres. No Colégio São Luís, mais de 15 anos depois da chegada de Galanti, chama a atenção o Pe. José Mantero estar ocupando a função de Reitor do colégio paulista e atuando como Superior da Missão no Brasil, enquanto o padre Galanti era professor de História e de Língua

Inglesa e professor de alunos. Em 1892, Galanti atuava como consultor da Missão, cargo em que permaneceu durante quatro anos. O padre que assume tal função assessora diretamente o reitor nas decisões e atitudes tomadas a respeito de alguma situação no colégio. No ano seguinte, havia mais três consultores, dentre eles Pe. Yabar, reitor no Colégio Anchieta, no período em que Pe. Galanti lecionou. Nessa época, o inaciano ministrava aulas de História Universal e Pátria, Língua Inglesa, disciplina sobre as quais escreveu livros didáticos, atuando, também, como confessor dominical. Alerto para as disciplinas lecionadas por Pe. Galanti, as quais, possivelmente, lhe permitiram acumular experiência em sua trajetória, visível por meio da escrita do livro. Em 1897, Pe. Mantero deixou o cargo de Reitor e de Padre Superior da Missão, tendo Galanti também deixado a função de consultor da missão, o que me pareceu indício de que partilhassem relações de amizade.

Conforme já dito, durante o período em que lecionou e foi consultor da Missão, Pe. Galanti também escreveu livros didáticos. Além dos anteriormente mencionados, todos tiveram como tema a História do Brasil. No entanto, seria no livro *História Universal* que o jesuíta expôs sua compreensão sobre a História, pois que a dividiu em *Universal*, para tratar de todos os países; *Geral*, para todos os países, mas numa só época; e particular, quando limitava-se a alguns anos, uma só província ou guerra. A partir desta concepção apontou para as formas de escrevê-la:

Biographia: historia observada da vida de uma pessoa se for resumida recebe o nome de Memória”, “Annaes: narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno, sem ordenamento, sem ligação diferem da Historia porque esta muitas vezes omitte mezes e dias” e “Chronologia: a sciencia que se ocupa em averiguar e registrar as datas do acontecimento (Galanti, 1894, p.16).

35 Com a intenção de auxiliar o leitor a identificar Pe. Galanti, em volta do número 12 fiz um círculo para lhe dar destaque.

36 Documento que registra todas as funções desempenhadas pelos padres jesuítas nos colégios espalhados pelo mundo. Dele consta, ainda, seu nascimento, sua entrada na Companhia e há quantos anos exerce o magistério.

Pe. Galanti explicitou no seu livro didático métodos e fontes para investigar,

[...] ethnographico, synchronico e mixto e Directas - documento/monumento escriptos com intuito de transmittir á posterioridade os factos memoraveis. Indirectas - que examinados com auxilio de critica nos “revelam alguma noticia acerca da vida do homem” nas diversas áreas:

geographia, linguisticas, estatuas, pinturas... As obras de arte. Tradições oraes. (1894, p.16)

Sob essa perspectiva historiográfica, o jesuíta escreveu suas obras didáticas, reunidas no quadro abaixo, as quais, segundo o estudo de Dallabrida (2001) circularam e foram apropriados, principalmente, pelos colégios jesuíticos.

**Tabela 1** - Livros de Galanti<sup>37</sup>

Título do livro	Local de publicação	Editora	Ano	Edição
Compêndio de Grammatica Ingleza	São Paulo	Espíndola & Comp.	1913	5ª
Compêndio de Historia Universal	São Paulo	Typographia da Industrial de São Paulo	1894	2ª
Lições de Historia do Brasil	São Paulo	Typographia da Industrial de São Paulo	1895	2ª
Compêndio de História do Brasil – Tomo I	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
História do Brasil – Tomo II	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
História do Brasil – Tomo III	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	2ª
História do Brasil – Tomo IV	São Paulo	Duprat & Comp.	1913	2ª
História do Brasil – Tomo V	São Paulo	Duprat & Comp.	1910	2ª
Biographia de Brasileiros Illustres	São Paulo	Duprat & Comp.	1911	–
Breve História do Brasil: destinada às creanças do curso preliminar	São Paulo	Duprat & Comp.	1913	–

Fonte: LEMAD.

Pe. Galanti ofereceu seus livros também a jornais e revistas. É o que constatei quando localizei, nos periódicos da Biblioteca Nacional, impressões de suas obras, como foi o caso de *O Mensageiro do Coração de Jesus*,<sup>38</sup> ligado ao Apostolado de Oração e aos jesuítas, publicação de setembro de 1896 que traz características e divisões do livro *História do Brasil*.

37 Para saber mais sobre os livros escritos por padre Galanti, consultar Mendonça (2020).

38 Em 1861 começou a publicação de uma revista mensal intitulada *Mensageiro do Coração de Jesus*, que rapidamente se difundiu em todas as nações, nas respectivas línguas: na Itália em 1864; na Áustria no ano seguinte; nos Estados Unidos e na Espanha em 1866; na Colômbia e na Hungria em 1867; na Inglaterra em 1868; na Holanda e na Bélgica em 1869, etc. Disponível em <https://aomej.org.br/historia> Acesso: 20/01/2020.

Na coluna intitulada “Mimo precioso”, do jornal *Mensageiro do Coração de Jesus*, a seção responsável pelo recebimento de livros agradece o “mimo”, referindo-se ao primeiro volume do livro *História do Brasil* que Pe. Galanti teria oferecido ao periódico, ato comum entre outros intelectuais, como forma de demonstrar estima e consideração, de certa forma traçar suas redes de relações pessoais (Venancio, 2001) ou ainda com intenção de divulgar sua obra.

Além das redes de sociabilidade internas à Ordem, padre Galanti teceu outras. É o que demonstra a análise de sua trajetória como intelectual (Sirinelli, 2003). Ao que tudo indica, os livros de sua autoria legitimaram sua partici-

pação em diversos Institutos Brasileiros, o que lhe proporcionou reconhecimento no campo da Educação, como autor de livros de História.

## Um jesuíta em trânsito por outras instituições

Em busca de legitimação, Pe. Galanti participou como sócio de muitos Institutos Brasileiros dedicados à história do Brasil. Ao lado de outros intelectuais, discutiu, fomentou e escreveu a recente história do país. O jesuíta esteve inserido no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo (IHGSP), no Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP), na Academia Pernambucana de Letras (APL), no Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), em Campinas, Academia Ituana de Letras (ACADIL), e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro. Este último vem a ser o de maior destaque, não só devido à sua importância no cenário nacional, como também por ter servido como exemplo para a maioria dos que foram fundados posteriormente. Em acréscimo, informo que foi justamente em seus arquivos que localizei o único discurso de posse proferido por Pe. Galanti.

Apesar de Pe. Galanti não atribuir prioridade à sua afiliação ao IHGB e a outros institutos, nas cartas compulsadas constata-se ter sido membro e sócio correspondente de vários deles no Brasil. Sua participação não somente o tornou conhecido entre seus companheiros – ainda que sua escrita e perspectiva histórica não fossem aceitas ou partilhadas por muitos intelectuais –, como também proporcionou a sua legitimação diante dos seus pares. As experiências vividas por Padre Galanti o certificaram também para escrever em nome da Companhia de Jesus no Brasil e reforçaram a

motivação para remeter cartas à missão dos Estados Unidos, informando sobre a mesma e sobre os missionários, educação e política brasileira, dedicando-se à história do Brasil.

## Considerações Finais

Percorrer as cartas de Pe. Raphael Maria Galanti foi uma forma de acessar não apenas fragmentos de sua trajetória pessoal, mas também elementos relevantes sobre sua atuação intelectual, religiosa e pedagógica, possibilitando recompor aspectos muitas vezes invisibilizados nas biografias oficiais. Ao lançar mão de fontes como correspondências pessoais, necrológios, registros institucionais e publicações didáticas, o estudo permitiu estabelecer múltiplas conexões entre o sujeito e o contexto histórico, evidenciando como se constrói, se negocia e se reinventa a identidade de um intelectual religioso no Brasil do final do século XIX e início do XX.

A escrita epistolar, como prática comunicacional e autobiográfica, revelou-se uma chave metodológica potente. Por meio dela, foi possível acessar a subjetividade de Galanti, sua experiência de mundo, os sentimentos de solidão, a importância das amizades e a forma como lidava com o envelhecimento e a doença. Mais do que simples registros informativos, as cartas carregam vestígios de uma história vivida, de uma memória elaborada e de um desejo de permanecer, ainda que simbolicamente, na posteridade. A análise dessas cartas, portanto, ultrapassa o caráter anecdótico, contribuindo para um entendimento mais complexo das estratégias de inserção e legitimação no campo intelectual religioso.

Além disso, a pesquisa contribui para o campo da História da Educação ao resgatar um personagem que, embora pouco lembrado na historiografia contemporânea, exerceu papel relevante na formação de gerações de

estudantes e na produção de livros didáticos utilizados em colégios da Companhia de Jesus. Sua participação em diversos institutos históricos e acadêmicos evidencia seu esforço contínuo de reconhecimento público e institucional, bem como sua vinculação com o projeto educativo jesuítico, que mesclava fé, ciência e cultura letrada.

As biografias analisadas também permitiram refletir sobre os usos e limites desse gênero como fonte histórica, revelando o tensionamento entre a dimensão pública e a privada, entre a representação idealizada e a vida concreta do sujeito. Nesse sentido, o cruzamento entre diferentes tipos de fontes, cartas, livros, biografias, necrológicos e documentos da Ordem, possibilitou uma reconstituição mais rica, crítica e densa do itinerário de Galanti, ressaltando o papel das redes de sociabilidade na consolidação de uma imagem pública e no fortalecimento de uma carreira intelectual.

Assim, o estudo reafirma a importância de se valorizar os arquivos pessoais e as escritas de si como fontes fundamentais para a escrita da história da educação e da cultura intelectual brasileira. Padre Galanti emerge como uma figura multifacetada: educador exigente, autor prolífico, religioso devoto e homem sensível, cujas contradições e silêncios também constituem parte da sua narrativa. A revalorização de sua trajetória contribui, portanto, para enriquecer a compreensão do projeto educativo jesuítico e das formas de atuação de seus membros no Brasil, ao mesmo tempo em que amplia os horizontes da investigação historiográfica sobre a construção de sujeitos históricos no entrelaçamento entre vida privada, escrita e memória.

## Referências

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Os necrológicos e a educação da criança pela família na província do Paraná (1853-1889). **Pro-Posições**, Campinas,

v. 28, n. 1, p. 81-102, jan./abr. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-3072017000100081&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-3072017000100081&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ARENZ, Karl Heinz. “Sem educação não há missão”: a introdução da formação jesuítica no Maranhão e Grão-Pará (Século XVII). **Outros Tempos**, vol. 13, n. 21, 2016 p. 1-20

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. v. 3. F-J Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681> Acesso em 12/12/2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996. p.74-82.

CAMARGO, Maria Rosa M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Orgs.). **Refúgios do Eu**. Educação, História, Escrita Autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.

Carta de Pe. Galanti ao Barão de Studart (1906-1912). Acervo Instituto Ceará (CE).

Carta de Pe. Galanti ao Pe. Giomini. (1906-1913). Acervo Província Centro-Leste (RJ).

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.

**CATALOGO DA MISSÃO ROMANA (1854-1914)**. Disponível em [http://www.sjweb.info/arsi/Digital\\_Repertory.cfm](http://www.sjweb.info/arsi/Digital_Repertory.cfm) Acesso em: 20 mar. 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista das Revistas. **Estudos Avançados**, vol.5, nº.11,

São Paulo, p. 173-191, Jan./Apr., 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. "Por hoje é só..." In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio. (Orgs). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 181-203.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

GOMES, Ângela de Castro (org.) **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 167-182.

LOURENÇO, Laís da Silva. **O retorno dos jesuítas ao Brasil: o caso ituano entre 1856-1918**. Campinas, SP: PUC, 2017.

LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso:1889-1989**. São

Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MAIA, Pedro Américo. **Crônica dos Jesuítas do Brasil Centro-leste**. São Paulo: Editora Loyola, 1991.

MENDONÇA, Ligia Bahia. **O silêncio da ação: Jesuítas no Brasil pós-Reforma Pombalina**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema. **História Social**, (24), 51-73. Disponível em [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577) Acesso em: 18 dez. 019.

SILVA, Alexandra Lima da. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. Curitiba: Appris, 2018.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). **Por uma nova história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

VENANCIO, Giselle Martins. Presente de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Revista Estudos Históricos** v. 2, n. 28, Rio de Janeiro, 2001. pp. 23-47.

VINCENT-BUFFAULT, A. **Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Recebido em: 10/09/2024

Revisado em: 03/07/2025

Aprovado em: 23/07/2025

Publicado em: 31/07/2025

**Ligia Bahia Mendonça** é Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Ensino Fundamental da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. E-mail: [ligiabahia@gmail.com](mailto:ligiabahia@gmail.com)